

O Teosofista

Ano XX - Número 231 - Edição de Agosto de 2026

Publicação Mensal da **Loja Independente de Teosofistas** e seus Websites Associados
Email: indelodge@gmail.com - **Facebook:** SerAtento e FilosofiaEsoterica.com.

[illegible]

Ampliando o Horizonte: Um Estudo Sobre o Espaço e o Tempo da Bem-Aventurança



Todos queremos ir além da dor. O mundo inteiro quer se libertar do sofrimento e alcançar o bem-estar e a bem-aventurança eterna. A questão é: quais são os limites do território do sofrimento, para que a gente possa ir além dele?

A primeira constatação a fazer nesse caso é enxergar e aceitar o fato de que o sofrimento existe sempre dentro de uma estrutura de tempo, e dentro de uma percepção de espaço, que

são relativamente pequenas. O sofrimento funciona em um determinado *aqui e agora*. A dor opera dentro de uma estrutura de espaço e de tempo, enquanto a vida é eterna e não tem limites no espaço. Deste ponto de vista, nós chegamos à conclusão de que *encontrar a bem-aventurança* é descobrir aquilo que está além dos limites do espaço e do tempo em que existe sofrimento.

A teosofia pode ser definida de várias maneiras.

É possível definir a teosofia dizendo que ela é o estudo do tempo eterno e do espaço infinito. Essa definição é perfeita se pensarmos na obra “[A Doutrina Secreta](#)”, de Helena Blavatsky. Com 1535 páginas na edição original em inglês, o livro é um verdadeiro ensaio sobre o tempo eterno e o espaço sem limites, dos quais ele nos aproxima aos poucos através do estudo de longo prazo da onda de vida, e da história da onda de vida, no nosso pequeno e pobre planeta azul, aquático, chamado Terra.

Cabe perguntar, então: qual era o nosso sofrimento pessoal, duzentos anos atrás? Quais vão ser as nossas expectativas pessoais dentro de dois séculos?

Se vivêssemos em Saturno, nós teríamos que ter corpos sutis, é claro. Se fôssemos habitantes de Saturno num plano sutil da realidade e olhássemos para os desafios e catástrofes que a gente enfrenta aqui na Terra hoje, qual seria a importância?

A distância entre Saturno e a Terra é suficiente para que os dramas percam a sua intensidade. Se lembrarmos do tempo eterno, vamos estar entrando em consonância com o tempo divino. Existe um tempo divino: não há diferença entre tempo divino e tempo eterno. Não há distância entre mundo divino e universo infinito. A divindade é ilimitada. A divindade não é um senhor de 70 anos com longas barbas brancas inclinado para nós com um gesto rigoroso, com um rosto severo de juiz implacável, talvez ameaçando caso erremos em alguma coisa.

A imagem antropomórfica da divindade serve num plano em que se dá a Deus uma imagem concreta e pessoal, uma imagem paterna. O mestre de sabedoria e o nosso próprio eu superior podem evocar uma imagem paterna, representando o nosso eu mais patriarcal, mais dono da sabedoria: mas é uma imagem antropomórfica, portanto, estreita e relativa ao mundo da dor. Por outro lado, há um nível de divindade em que vamos além das coisas pequenas ou pessoais. Nossa felicidade tem a mesma substância que tinha duzentos anos atrás, e a mesma natureza que terá dentro de duzentos anos, ou de dois milhões de anos. É a mesma substância da felicidade sentida em Saturno, em Júpiter, em Marte, na Lua, em qualquer outro local do sistema solar. Seguramente em outras galáxias também.

Perceber isso liberta-nos da visão estreita e excludente de curto prazo, como se o mundo fosse terminar nos próximos anos ou nas próximas décadas. Deste modo entramos em contato com nosso eu superior, que navega no oceano infinito do espaço e do tempo. E nisso consiste a bem-aventurança: saber que não nascemos algumas décadas atrás, e vamos estar vivos dentro de séculos, de milênios e milhões de anos também. Os globos vêm e passam, os planetas nascem e morrem, mas a vida universal continua, e nós somos parte dela. O que é muito agradável saber.

(CCA)

Veja o vídeo de 7m: * [Loja Independente de Teosofistas](#) * [Filosofia Esotérica](#)

Páginas Decisivas da Doutrina Secreta
**A Matemática do Tempo Eterno:
Dois Astrônomos Antediluvianos**

Helena P. Blavatsky



Desde o ponto de vista do estudante oriental de Ocultismo, duas figuras estão indissoluvelmente ligadas com a astronomia mística, a cronologia mística e os seus ciclos. São duas figuras grandiosas, envoltas em mistério, que se destacam como dois gigantes no Passado Arcaico, surgindo diante do estudante sempre que ele precisa se referir a Yugas e Kalpas. Quando, em que período da pré-história eles viveram, é algo que ninguém pode saber exceto alguns poucos homens no mundo, especialmente com aquela certeza que é exigida pela cronologia exata. Pode ter sido 100.000 atrás, pode ter sido 1.000.000 de anos atrás, o mundo externo jamais saberá exatamente. O Ocidente místico e a Maçonaria falam alto sobre Enoque e Hermes. O Oriente místico fala de NARADA, o velho Rishi Védico, e de ASURAMAYA, o Atlante.

Já foi sugerido que de todos os personagens incompreensíveis no *Mahabharata* e nos *Puranas*, Narada, o filho de Brahmâ em *Matsya Purana*, descendente de Kasyapa e a filha de Daksha no *Vishnu Purana*, é o mais misterioso. Ele é mencionado por Parashara ¹ pelo título honroso de Deva Rishi (Rishi divino, mais que um semideus), e no entanto ele é amaldiçoado por Daksha e mesmo por Brahmâ. Ele informa Kansa de que Bhagavat (ou Vishnu no exoterismo) encarnaria como oitavo filho de Devaki, e assim provoca a ira do Herodes indiano contra a mãe de Krishna; e depois, desde a nuvem em que ele está sentado - invisível

¹ Parashara. Este nome também é grafado como “Parasara”. (Nota do Tradutor)

como um verdadeiro *Manasaputra* - ele elogia Krishna, feliz com a proeza do Avatar, ao matar o monstro Keshi.² Narada está aqui, lá e por toda parte; e no entanto, nenhum dos Puranas dá as verdadeiras características deste grande inimigo da procriação física. Sejam quais forem estas características no Esoterismo Hindu, Narada - que é chamado no Ocultismo Cis-Himalaico de *Pesh-Hun*, o “Mensageiro”, ou o *Angelos* grego - é o único confidente e o executor dos decretos universais do Carma e de *Adi-Budh*: uma espécie de logos ativo e que está sempre encarnando, que dirige e guia os assuntos humanos desde o começo ao fim do Kalpa.

O Ser que Orienta o Ímpeto dos Ciclos

“Pesh-Hun” é uma propriedade geral e não uma propriedade especificamente Hindu. Ele é o misterioso poder inteligente orientador que dá o impulso e regula o ímpeto dos ciclos, os Kalpas, e acontecimentos universais.³ Ele é o ajustador visível do Carma em escala geral; o *inspirador* e o líder dos maiores heróis deste Manvântara. Nas obras exotéricas ele é mencionado por alguns através de nomes nada elogiosos, como “Kali-Karaka”, *Criador de Conflitos*, “Kapi-vaktra”, *Cara-de-Macaco*, e mesmo “Pisuna”, o espião, embora em outros lugares ele seja chamado de Deva-Brahmâ. Até o sr. W. Jones ficou fortemente impressionado com este misterioso personagem, a partir do que ele reuniu durante os seus Estudos Sânscritos. Ele o compara a Hermes e Mercúrio, e se refere a ele como “o mensageiro eloquente dos deuses” (veja *Asiat. Res.*, I, 264). Tudo isso levou o falecido dr. Kenealy (“*Book of God*”), com base no fato de que os hindus acreditam que ele é um grande Rishi, “que está sempre andando pela Terra, dando bons conselhos”, a ver nele um dos seus doze *Messias*. O dr. Kenealy talvez não estivesse tão longe da verdade quanto alguns imaginam.

O que Narada *realmente* é não pode ser explicado em um texto impresso; e tampouco as gerações modernas do mundo profano seriam capazes de tirar muito proveito da informação. Mas é possível registrar que se há no Panteão Hindu uma divindade que se parece a Jeová, ao colocar em tentação através de “sugestões” de pensamentos e do “endurecimento” dos corações aqueles a quem ele deseja transformar em seus instrumentos e suas vítimas, esta divindade é Narada. A única diferença é que no caso de Narada não há o desejo de “provocar pragas” e assim mostrar que “*Eu sou o Senhor Deus*”. A motivação tampouco é de modo algum ambiciosa ou egoísta; mas é verdadeiramente servir e guiar o progresso e a evolução universais.

As Tarefas Práticas de Narada

Narada é um dos poucos personagens proeminentes, com exceção de alguns deuses, nos Puranas, que visitam as chamadas regiões inferiores ou infernais, Patala. Seja verdade ou não que Narada aprendeu tudo o que sabia graças ao seu contato com o Sesha de mil cabeças, a serpente que carrega os sete Patalas e o mundo inteiro como um diadema sobre suas cabeças,

² *Keshi*. Grafado como *Kesim* na edição de 1888. (Nota do Tradutor)

³ Esta talvez seja a razão por que, no *Bhagavad Gita*, é afirmado que Brahmâ havia dito a Narada no começo que todos os homens sem exceção, inclusive os *Mlechchhas*, marginais e bárbaros, podiam conhecer a verdadeira natureza de Vasudeva e aprender a ter fé naquela divindade. (Nota de H. P. Blavatsky)

e que é o grande instrutor sobre Astronomia ⁴, o fato é que ele ultrapassa o Guru de Garga no conhecimento das complexidades dos ciclos. É ele quem dirige o nosso progresso, e o êxito ou miséria das nações. É ele que traz as guerras, e que as termina. Nas antigas Estâncias, Pesh-Hun é visto como tendo calculado e registrado todos os ciclos astronômicos e cósmicos que haverá no futuro, e como tendo ensinado a Ciência para os primeiros observadores da abóboda celeste estrelada. E afirma-se que Asuramaya baseou todas suas obras astronômicas naqueles registros, e que determinou a duração de todos os períodos geológicos e cósmicos passados, assim como a duração de todos os ciclos que virão, até o final deste ciclo-de-vida, ou o final da sétima Raça.

O Espelho da Futuridade

Há uma obra entre os Livros Secretos, intitulada “Espelho da Futuridade”, em que estão registrados todos os Kalpas dentro de Kalpas e os ciclos que existem dentro do âmagô de Sesha, ou Tempo infinito. Esta obra é atribuída a *Pesh-Hun* Narada. Há outra obra antiga que é atribuída a vários atlantes. São estes dois Registros que nos dão os dados numéricos dos nossos ciclos, assim como a possibilidade de calcular a data dos ciclos que virão. Os cálculos cronológicos que serão dados agora, no entanto, são os cálculos dos brâmanes, conforme explicado mais adiante; mas a maior parte deles são os mesmos da Doutrina Secreta.

A cronologia e as computações dos Iniciados Brâmanes estão baseadas nos registros zodiacais da Índia e nas obras do astrônomo e mágico mencionado acima, Asuramaya. Os registros zodiacais Atlantes não podem errar, porque foram compilados sob a orientação dos primeiros instrutores que ensinaram à humanidade, entre outras coisas, a astronomia.

Mas aqui nós precisamos enfrentar outra vez de modo temerário e deliberado uma nova dificuldade. Será dito que a *ciência* contradiz a nossa afirmação através de um homem que é visto como grande autoridade (no Ocidente) em todos os aspectos da literatura sânscrita - o professor Albrecht Weber, de Berlim. Isto infelizmente não pode ser evitado, e nós estamos decididos a sustentar o que afirmamos. Asuramaya, que a tradição épica assinala como o primeiro astrônomo em Aryavarta, aquele a quem “o Deus-Sol transmitiu o conhecimento das estrelas” pessoalmente, como o próprio dr. Weber afirma, é identificado por ele, de uma maneira bastante misteriosa, com o “Ptolomeu” dos gregos. Nenhuma razão é dada para esta identificação que seja mais válida do que a seguinte: “este último nome (Ptolomeu), como vemos pela inscrição de Piyadasi, tornou-se o indiano ‘Turamaya’, a partir do qual o nome ‘Asuramaya’ *poderia* muito facilmente surgir.” Não há dúvida de que “*poderia*”, mas a questão decisiva é - existe alguma prova de que isto de fato *aconteceu*? A única evidência que é dada para isto é a de que *deve* ser assim: “Já que este Maya é claramente atribuído a Romaka-pura no Ocidente.” ⁵ A Maya é evidente, já que nenhum sanscritista entre os europeus pode dizer onde estava esta localidade de “Romaka-pura”, exceto, de fato, dizer que ela estava em algum lugar “do Ocidente”. De qualquer modo, já que nenhum membro da

⁴ Sesha, que é também Ananta, o infinito, e o “Ciclo da Eternidade”, em esoterismo, é considerado como tendo transmitido o seu conhecimento astronômico a Garga, o mais antigo dos astrônomos da Índia, que ganhou a sua boa vontade e de imediato passou a saber tudo sobre os planetas e sobre como interpretar os sinais. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁵ Veja “*Lectures on the Indian Literature*”, p. 253, do Prof. A. Weber, em “Trubner’s Asiatic Series”. (Nota de H. P. Blavatsky)

Sociedade Asiática, nem Orientalista Ocidental irá jamais ouvir um ensinamento bramânico, é inútil levar em consideração as objeções de Orientalistas europeus. “Romakapura” ⁶ era “no Ocidente”, sem dúvida, já que era parte do último continente de ATLÂNTIDA. E é igualmente certo que Atlântida é citada nos Puranas hindus como o local de nascimento de Asuramaya, “tão grande como mago quanto era grande como Astrólogo e Astrônomo”. Além disso, o prof. Weber se recusa a atribuir qualquer antiguidade ao Zodíaco Indiano, e tende a pensar que os hindus nunca conheceram Zodíaco algum até que eles “conseguiram um com os gregos”. ⁷ Esta afirmação entra em choque com as mais antigas tradições da Índia, e portanto deve ser ignorada. (Veja o capítulo 17 da Parte III do volume I, intitulado “**O Zodíaco e a sua Antiguidade**”). As razões para ignorar esta afirmação são especialmente fortes, já que o erudito professor alemão, ele mesmo, afirma na introdução à sua obra (*History of Sanskrit Literature*) que “além dos obstáculos naturais que impedem a investigação (na Índia), sempre predomina ali uma densa nuvem de preconceitos e opiniões preconcebidas flutuando sobre o país, e envolvendo-o como um véu.” Limitado por aquele véu, é natural que o dr. Weber tenha cometido erros involuntários. Tenhamos esperança de que agora ele possua mais conhecimento.

Quer Asuramaya seja visto como um mito moderno, ou talvez como um personagem que viveu nos dias da Macedônia grega, ou ainda conforme o que dele afirmam os Ocultistas, de qualquer forma os seus cálculos concordam inteiramente com os cálculos dos Registros Secretos.

Um Trabalho Proclamado Como Impecável

A partir de fragmentos de obras imensamente antigas atribuídas ao astrônomo atlante e descobertos no sul da Índia, o calendário mencionado em outros lugares foi compilado, em 1884 e 1885, por dois brâmanes muito eruditos ⁸. O trabalho é proclamado como impecável pelos melhores *Pandits* - desde o ponto de vista bramânico - e assim está relacionado com a cronologia dos ensinamentos ortodoxos. Se compararmos as suas afirmações com o que está dito em “Ísis Sem Véu”, e com os ensinamentos fragmentários publicados por alguns teosofistas, e ainda com os dados divulgados na presente obra, e cuja fonte são os Livros Secretos do Ocultismo, será visto que as diferentes partes do conjunto concordam entre si perfeitamente, exceto em alguns detalhes que não podem ser explicados; porque os segredos de uma Iniciação mais alta - desconhecidos tanto da redatora como do leitor da presente obra -

⁶ *Romakapura*. Poucas linhas acima, HPB grafou a palavra com hífen: *Romaka-pura*. Esta flexibilidade em relação à ortografia está presente em todos os escritos de HPB e expressa um princípio filosófico: as ideias são mais importantes que a forma externa das palavras. A forma exterior deve ser clara, mas não precisa ser rígida. (Nota do Tradutor)

⁷ Mesmo os indígenas Maias da Guatemala tinham o seu Zodíaco desde uma antiguidade desconhecida. E “o homem primitivo agia da mesma maneira independentemente do tempo e da localidade, em todas as eras”, diz um autor francês. (Nota de H. P. Blavatsky)

⁸ O “*Tirukkanda Panchanga*” para o ano *Kali Yug 4986*, de Chintamany Raghavaracharya, filho do famoso astrônomo do governo de Madras, e Tartakamala Venkata Krishna Rao. (Nota de H. P. Blavatsky)

teriam que ser revelados, e isso *não pode ser feito*.⁹ (Mas veja o texto “*A Cronologia dos Brâmanes*”, que está algumas páginas mais adiante, no final da Estância II.)

000

O artigo acima foi traduzido por CCA da edição original em inglês de “A Doutrina Secreta”: “[The Secret Doctrine, volume II](#)”, pp. 47-51. Os subtítulos foram acrescentados apenas para a publicação no *Teosofista*. O texto aguarda para ser incluído na próxima expansão da edição de “[A Doutrina Secreta](#)” que está sendo realizada - muito lentamente - pela LIT desde 2012. Clique para ver a parte já publicada da tradução passo a passo da [edição original de 1888](#).

000

Efeitos do Estudo da Doutrina Secreta

A Leitura Atenta da Obra de Helena Blavatsky Pode Causar Uma Revolução Pessoal

O calmo estudo da obra “[A Doutrina Secreta](#)” (DS) é uma tarefa contemplativa e ao mesmo tempo envolve uma séria pesquisa pessoal. O esforço emprega todos os níveis de consciência e percepção do peregrino, incluindo a intuição não-pensada e o estudo com apoio dos mais diversos tipos de dicionários e obras de diferentes tradições orientais e ocidentais.

Não devemos, portanto, encarar o estudo da DS como se fosse uma leitura linear, através da qual “simplesmente reunimos informação e ficamos sabendo das coisas”.

A leitura em linha reta, superficial, limitada ao plano das palavras, é no entanto a mais frequente hoje, dado o desperpício e a desinformação do leitor médio.

Poucos procuram aprimorar o modo como pensam. Mesmo no movimento esotérico, temos mais papagaios falantes do que estudantes interessados em aprender. Não são muitos os que buscam pensar por si mesmos, com clareza.

Continue lendo

Efeitos do Estudo da Doutrina Secreta

000

⁹ “...Os segredos de uma Iniciação mais alta - desconhecidos tanto da redatora como do leitor da presente obra - teriam que ser revelados, e isso não pode ser feito.” Esta frase sobre os limites de percepção de HPB implica claramente a ideia de que “A Doutrina Secreta” foi escrita com a colaboração e orientação diretas de Mahatmas, inclusive neste parágrafo, que só pode ter sido escrito ou ditado por alguém com muito mais conhecimento que HPB. Ou seja, um Mestre. HPB era Iniciada. Considera-se, conforme indicações presentes nas Cartas dos Mahatmas e em obra do Visconde de Figanière, que HPB tinha a terceira grande iniciação. É a única pessoa verdadeiramente Iniciada na história do movimento teosófico. As outras “evidências” sobre iniciações têm um caráter imaginário, resultando da fantasia subconsciente de teosofistas ingênuos que buscam, infantilmente, obter glória pessoal. Neste departamento, sobretudo desde 1891, é possível observar o seguinte, conforme ensina o Taoísmo: “a consciência que sabe não fala, e a consciência que fala, não sabe”. (Nota do Tradutor)

Nenhuma Esperteza é mais forte que a Verdade
Os Poucos Fazem a Diferença

Uma pequena colher de sal muda o sabor de uma panela de sopa. E basta a ponta de uma agulha para furar uma grande bolha de ilusões desinformadas.

Colocando a verdade acima das conveniências, a teosofia ajuda o mundo através do Efeito Borboleta. E a borboleta afirma:

“O sistema solar está contido em cada átomo. Um ser humano tem em si o Céu e a Terra. A minúscula semente leva consigo a futura árvore.”



Você quer que a fraternidade entre as nações vença a ignorância e surja com rapidez no mundo de hoje? Seja a ponta de uma agulha. Entre para o grupo SerAtento em Google Groups: <https://groups.google.com/g/seratento>.

ESTUDE A TEOSOFIA CLÁSSICA:
SUA VIDA MUDARÁ DE DENTRO PARA FORA

Ingresse no SerAtento, em Google Groups, e expanda o seu horizonte a cada dia:
<https://groups.google.com/g/seratento> .

superior. Se fosse dito ao leitor, como nas alegorias *semiesotéricas*, que estes Seres eram *Habitantes do Nirvana* retornando de *Maha-Manvântaras* anteriores - eras de duração incalculável que rolaram para longe na Eternidade, há um tempo ainda mais incalculável - ele dificilmente entenderia o texto de modo correto; enquanto alguns vedantinos poderiam dizer: “Não é verdade; um *Habitante do Nirvana* não pode jamais retornar”: o que é correto durante o Manvântara a que ele pertence, mas é errado no que diz respeito à Eternidade. Porque é afirmado nos Slokas Sagrados:

“*O fio do esplendor* ¹¹, que é imperecível e só se dissolve no Nirvana, reemerge do Nirvana na sua integridade no dia em que a Grande Lei chama todas as coisas de volta à ação”.

Faltava um Princípio do Meio

Deste modo, já que os “Pitris ou Dhyanis” mais elevados não participaram da sua criação física, vemos o homem primitivo, saído dos corpos dos seus progenitores *espiritualmente sem fogo*, sendo descrito como *aeriforme*, destituído de compactação, e SEM MENTE. Ele não tinha um princípio do meio para servi-lo como intermediário entre *o mais elevado* e *o mais baixo*, o homem espiritual e o cérebro físico, porque ele não tinha *Manas*. As Mônadas que encarnaram naquelas CASCAS vazias permaneceram tão inconscientes como quando separadas de suas formas e seus veículos previamente incompletos. Não há potencialidade para criação, ou autoconsciência, em um *puro* Espírito situado em nosso plano, a menos que a sua natureza demasiado perfeita e homogênea, porque divina, seja, digamos assim, misturada com, e fortalecida por, uma essência já diferenciada¹². Só a linha inferior do Triângulo - representando a primeira Tríade que emana da MÔNADA Universal - pode fornecer esta necessária consciência no plano da Natureza diferenciada¹³. Mas como poderiam estas puras Emanações, que, neste princípio, devem ter sido originalmente elas próprias *inconscientes* (no nosso sentido), ter qualquer capacidade de suprir o necessário princípio, já que elas próprias dificilmente o poderiam ter? A resposta é difícil de compreender, a menos que estejamos bem familiarizados com a metafísica filosófica de uma série sem começo e sem fim de Renascimentos Cósmicos, e a menos que tenhamos clara para nós e estejamos familiarizados com aquela lei imutável da Natureza, a lei do MOVIMENTO ETERNO, cíclico e espiral, portanto progressivo, mesmo em sua aparente retrogressão. O Princípio divino único, o AQUILLO sem nome dos Vedas, é o Total universal, que nem nos seus aspectos e emanações espirituais, nem nos seus átomos físicos, pode jamais estar em “*repouso absoluto*”, exceto durante as “Noites” de Brahmâ. Portanto, também, os “primogênitos” são os primeiros a

¹¹ *Esplendor*: no original, “radiance”, que também pode ser traduzido como “brilho” e como “radiação”. (Nota do Tradutor)

¹² “*Não há potencialidade para criação, ou autoconsciência, em um puro Espírito situado em nosso plano*”. As palavras iniciais desta frase constituem um axioma útil em vários aspectos da vida. Em outro contexto, equivale a dizer: “Para ser eficiente em *nosso plano*, o trabalho dos grandes sábios imortais (*puro Espírito*) necessita de *discípulos leigos* que façam com que ele interaja com o carma atual da humanidade. Caso contrário o Espírito puro não tem *potencialidade para criação, ou autoconsciência*, e permanece isolado.” As linhas e frases seguintes ampliam a visão deste axioma fundamental. A respeito do desafio teúrgico do movimento teosófico, cabe levar em conta as três Hipóstases da filosofia neoplatônica de Plotino, e o tema geral dos artigos “[A Prática da Presença Divina](#)” e “[A Presença Sagrada Junto a Nós](#)”. (Nota do Tradutor)

¹³ Sobre a linha horizontal do triângulo superior - a linha que corresponde a *Manas* - veja a ilustração na página quatro do artigo “[Antahkarana, a Ponte Entre Céu e Terra](#)”. (Nota do Tradutor)

serem colocados em movimento no começo de um Manvântara, e, deste modo, os primeiros a cair nas esferas inferiores da materialidade. Aqueles que são chamados em Teologia de “os Tronos” e são “o Assento de Deus” devem ser os primeiros homens encarnados na Terra; e torna-se compreensível, se nós pensarmos na série infinita de Manvântaras passados, a descoberta de que os últimos tinham que vir primeiro, e os primeiros deviam vir por último. Vemos, em resumo, que os Anjos mais elevados haviam atravessado - incontáveis éons antes - os “Sete Círculos”, e assim *roubado* deles o fogo Sagrado; em linguagem direta, isto significa que eles haviam assimilado em suas encarnações anteriores, tanto em mundos inferiores como superiores, toda a sabedoria deles - o reflexo de MAHAT nos seus vários graus de intensidade. Nenhuma Entidade, seja angélica ou humana, pode alcançar o estado de Nirvana, ou absoluta pureza, exceto através de éons de sofrimento e *conhecimento* do MAL, assim como do bem, já que de outro modo este último permaneceria incompreensível.

Um Abismo Intransponível

Entre o homem e o animal - cujas Mônadas (ou Jivas) são fundamentalmente idênticas - há o abismo intransponível da Mentalidade e da Autoconsciência. O que é a mente humana em seu aspecto mais elevado, de onde ela surge, se ela não for uma parte da essência - e, em alguns casos raros de encarnação, *a própria essência* - de um Ser mais elevado: um Ser de um plano mais alto e divino? Poderá o homem - um deus na forma animal - ser um produto de uma Natureza Material, ocorrida através apenas da evolução, da mesma maneira que o animal, o qual difere do homem na sua forma externa mas não difere em nada nos materiais do seu tecido físico, e é orientado pela mesma Mônada, embora não-desenvolvida - se vemos que as potencialidades intelectuais dos dois são tão diferentes quanto o Sol e o vaga-lume? E o que será que cria esta diferença, a menos que o homem seja um animal *mais* um *deus vivo* dentro da sua casca física? Façamos uma pausa e examinemos seriamente a questão, sejam quais forem as vagas especulações e os sofismas gerados tanto pelos materialistas como pelas ciências psicológicas modernas.

Até certo ponto, admite-se que mesmo o ensinamento esotérico é alegórico. Torná-lo compreensível para a inteligência média exige que o uso de símbolos seja feito de uma forma compreensível. Disso surgem os relatos alegóricos e semi-mitológicos feitos nas representações (apenas) *semi*-metafísicas e objetivas dos ensinamentos esotéricos. Porque as concepções puramente e transcendentalmente espirituais estão adaptadas apenas para as percepções daqueles que “veem sem olhos, escutam sem ouvidos, e sentem sem órgãos”, segundo a enfática expressão do Comentário. O idealista demasiado puritano tem toda liberdade para espiritualizar o ensinamento, enquanto o psicólogo moderno simplesmente tentaria afastar do espírito a nossa alma humana “caída”, porém ainda divina, em sua conexão com *Buddhi*.

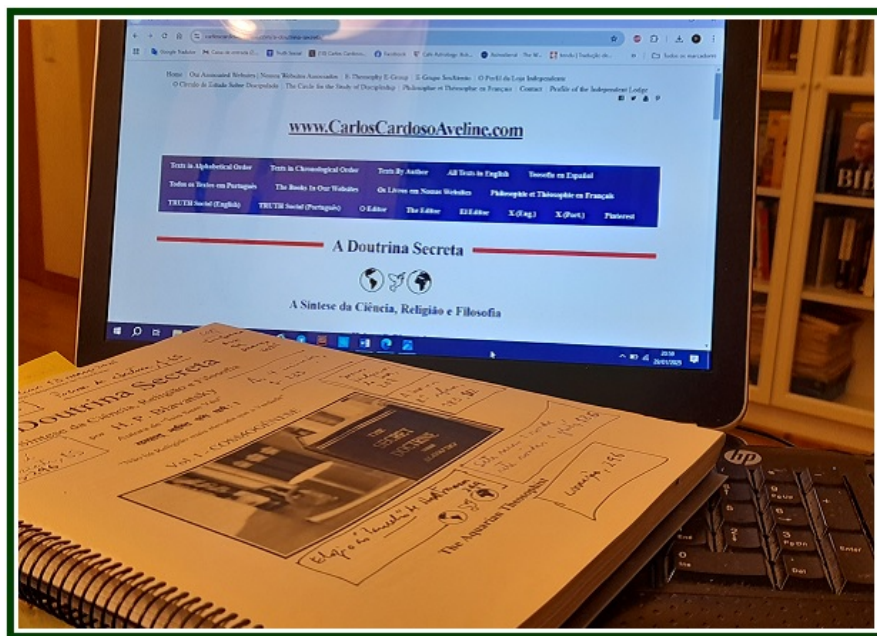
O Homem Divino e o Homem Terrestre

É muito grande o mistério associado aos ancestrais altamente espirituais do homem *divino* dentro do homem terrestre. A sua criação dual é sugerida nos Puranas, embora o seu significado esotérico possa ser examinado apenas através do estudo comparado dos muitos e diferentes relatos, e pela leitura deles em seu caráter simbólico e alegórico. Isto é o que acontece na Bíblia, tanto no *Gênesis* como nas *Epístolas* de Paulo. Porque aquele *criador* que é chamado de “Senhor Deus” no segundo capítulo do Gênesis é no original os *Elohim*, ou *Deuses* (os Senhores), no plural; enquanto um deles faz o Adão terrestre com pó, o outro

transmite a ele o alento respiratório da vida, e o terceiro o transforma numa *alma viva* (II,7), e todas estas leituras estão implícitas no número plural dos Elohim.¹⁴

“O primeiro homem é da Terra, o segundo (o último, ou melhor, o mais elevado), é do céu”, diz Paulo, em 1 Coríntios 15:47.

000



O texto acima aguarda para ser incluído na próxima expansão da edição de “[A Doutrina Secreta](#)” que está sendo realizada pela LIT. Clique para ver a parte já publicada da tradução passo a passo da [edição original de 1888](#).

000

Leia mais:

- * [Começando Pelo Mais Difícil.](#)
- * [O Hábito, a Intenção e a Vontade.](#)
- * [Fortalecendo a Vontade Individual.](#)

000

¹⁴ Seth, segundo Bunsen e outros mostraram, é não só o *deus primitivo* dos semitas - inclusive dos primeiros judeus - mas também o seu “ancestral semidivino”. Porque, diz Bunsen (“*God in History*”, vol. I, pp. 233-234), “o Seth do Gênesis, o pai de Enoque (*o homem*), deve ser considerado como originalmente avançando em paralelo àquele derivado dos Elohim, o pai de Adão”. “De acordo com Bunsen, a Divindade (o deus Seth) foi o *deus primitivo* do Norte do Egito e da Palestina” (Staniland Wake, “*The Great Pyramid*”). E Seth passou a ser considerado na Teologia posterior dos egípcios como “UM MAU DEMÔNIO”, segundo diz o mesmo Bunsen, porque ele está em unidade com Tifon e, como sequência lógica, com os demônios hindus. (Nota de H. P. Blavatsky)



Loja Independente de Teosofistas

“Um grupo ou loja, ainda que pequeno, não pode ser uma Sociedade teosófica --- a menos que todos os seus membros estejam magneticamente ligados uns aos outros pela mesma maneira de pensar pelo menos em uma direção ...”.

H. P. Blavatsky

Imagem reproduzida do original manuscrito da Carta C (100) in “Letters of H. P. Blavatsky to A. P. Sinnett”, T. U. P., Pasadena, California, USA, p. 222:

A group or branch however small, cannot be a theosophical Society - unless all the members in it are magnetically bound to each other, by the same way of thinking at least in some one direction

(Uma cópia completa do original da Carta foi obtida da British Library pelos fundadores da LIT)

000

Transcrição em inglês do fragmento acima:

“A group or branch, however small, cannot be a theosophical Society - unless all the members in it are magnetically bound to each other, by the same way of thinking at least in some one direction...”.

000

EVITE INTERMEDIÁRIOS.

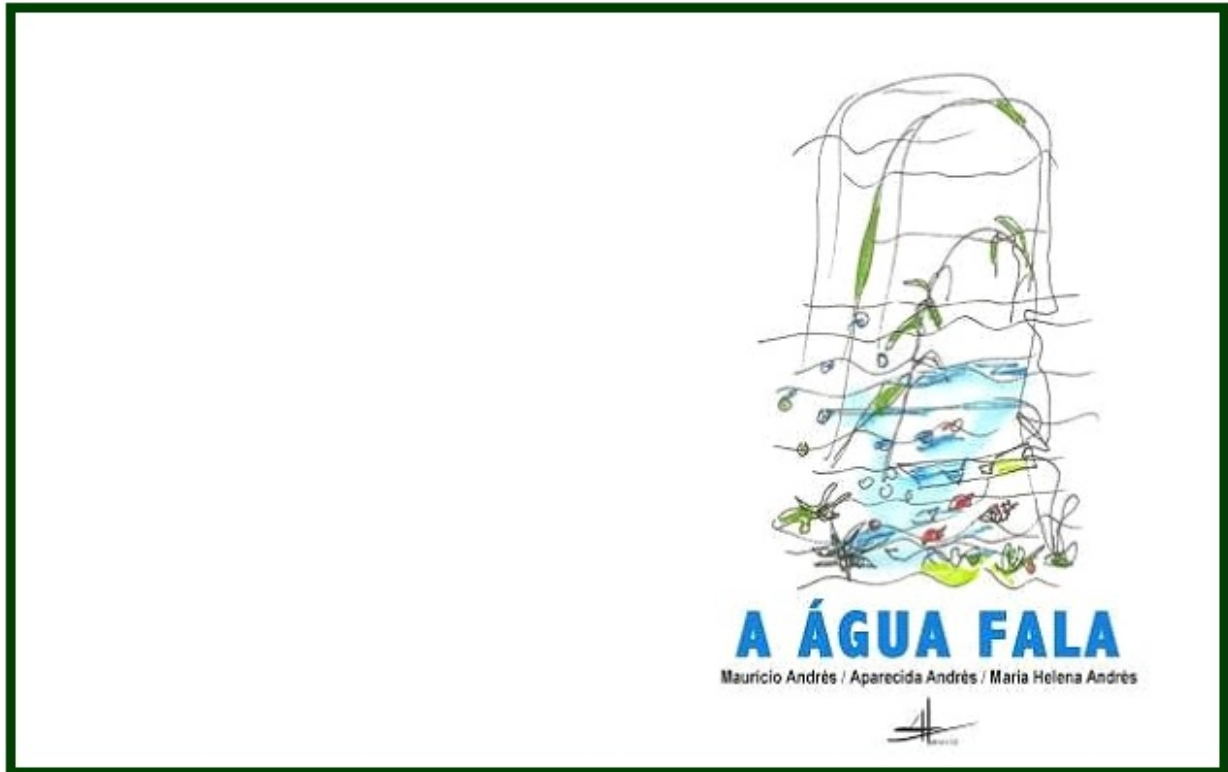
Construa o seu próprio acesso direto à sabedoria eterna. Ingresse no SerAtento, em Google Groups, e expanda o seu horizonte a cada dia: <https://groups.google.com/g/seratento>.

000

Palestras Sobre Hidrosafia - 04

Os Mutirões das Águas

Maurício Andrés Ribeiro



Hidrósofo é aquele que bebe um copo d'água com gratidão.

Vivemos um momento crítico em que a disponibilidade e a qualidade da água - elemento primordial da vida - estão sob severo ataque. Poluição desenfreada, uso insustentável dos recursos e mudanças climáticas que desregulam o ciclo hidrológico definem nossa situação atual. Os sistemas convencionais de gestão de recursos hídricos, embora necessários, têm se mostrado insuficientes para evitar a falência hídrica, demandando novas concepções holísticas - com a hidrosafia complementando a hidrologia - e a mobilização de múltiplos atores.

Diante desse desafio, surge uma resposta baseada em um conceito antigo e poderoso: o mutirão. Originário de uma palavra do tupi, uma língua indígena brasileira, “mbo'tira” significa ajuda mútua e trabalho coletivo para o bem comum. O mutirão é uma prática comunitária onde vizinhos se reúnem sem hierarquia, movidos por um propósito compartilhado. Mais do que trabalho braçal, é um ato social que fortalece laços, compartilha saberes e gera corresponsabilidade. Ele se assemelha ao Ubuntu africano que enfatiza a interdependência, solidariedade, respeito, compartilhamento comunitário.

Inspirados na COP-30 de 2025 em Belém, Brasil, em 2025, concebida como um “Mutirão pelo Clima”, transportamos esse conceito para o campo das águas. Cuidar da água é ainda mais complexo que cuidar do clima, pois envolve não apenas as águas oceânicas e atmosféricas, mas também as águas que empapam o solo, as superficiais de rios e lagos, as subterrâneas em aquíferos e as águas nos corpos vivos - na seiva das plantas, no sangue dos animais e em nosso próprio corpo.

Os Atores dos Mutirões: Do Local ao Global

Os Mutirões das Águas reúnem uma ampla diversidade de atores: governos nas três esferas, com poder de formular políticas; empresas e setor privado, com capacidade de inovação; sociedade civil, com organização e mobilização; comunidades tradicionais e povos indígenas, detentores de saberes milenares; cientistas e academia; professores e estudantes; agricultores; e cada cidadão comum, com seus hábitos e consciência e capacidade de se mobilizar coletivamente. Quando cada ator compreender que sua função é vital para a integridade do ciclo das águas em escala planetária, continental, regional e local, mais efetivos serão os mutirões.



Hidroalfabetização de crianças num centro de educação para as águas em Bangalore, Índia.

Tipos de Mutirões

Os Mutirões das Águas são o braço prático da Hidrosófia - se esta é a sabedoria das águas, o mutirão é a ação. Eles manifestam-se de múltiplas formas e escalas:

Mutirões presenciais e físicos incluem limpeza de rios e praias, proteção e recuperação de nascentes, plantio de árvores nativas em matas ciliares, captação de água de chuva com cisternas e desassoreamento de rios.

Mutirões digitais e nas redes sociais abrangem campanhas de conscientização com hashtags unificadas, maratonas de live-streaming, plataformas colaborativas para denúncia de crimes ambientais, jogos educativos e bibliotecas digitais abertas.

Mutirões temáticos específicos focam em aspectos particulares: monitoramento comunitário da qualidade da água; educação e cultura das águas nas escolas (hidroalfabetização), ações pela água nos bairros, conscientização sobre a água no corpo humano, e o sonho do Mega Mutirão no dia mundial da água, em que comunidades de todo o mundo se reúnam em ação coordenada pelas águas.

Experiências em Andamento

Diversas iniciativas podem ser vistas como sementes ou embriões de mutirões a serem aprimorados. Na escala global, temos as Conferências da ONU sobre Água, os Dias mundiais da água, os Fóruns Mundiais da Água e redes continentais, como a Rede Latino-Americana de Organismos de Bacias e redes de ONGs que observam e focalizam a água.

No Brasil, a Política Nacional de Recursos Hídricos criou um Sistema Nacional de Gerenciamento com comitês de bacia hidrográfica, “parlamentos” onde convivem poder público, usuários e sociedade civil. Precisam ser aprimorados, pois por vezes são capturados pelos interesses econômicos e políticos dominantes. Destacam-se as ações das Comissões Locais de Águas e Conselhos de Usuários nas regiões semiáridas, onde se pactua a alocação de água de forma negociada; as salas de crise para lidar com situações críticas de falta ou excesso de água; os mutirões e forças tarefa para o atendimento a emergências; e a ação conjunta para a prevenção de conflitos em reservatórios.

No Brasil, na escala local e comunitária, temos exemplos inspiradores: o Projeto Manuelzão em Minas Gerais, que recupera a bacia do rio das Velhas; o Movimento Águas Emendadas no Distrito Federal; os movimentos de resistência de povos ribeirinhos, indígenas e quilombolas contra mineradoras e hidrelétricas; o projeto escolar “Esse rio é meu”, no Rio de Janeiro, que organiza o ensino em torno da causa da água.

Objetivos dos Mutirões das Águas

Os objetivos dos mutirões precisam ser abrangentes. Primeiro: colocar em prática os conceitos da Hidrosafia, de forma a construir, gota a gota, uma civilização hidrocêntrica. Segundo: acelerar políticas públicas, práticas empresariais e hábitos humanos que tratem o ciclo da água como sistema único e interconectado. Terceiro: incentivar a restauração de florestas, a proteção de nascentes e a agricultura regenerativa, reconhecendo que não há gestão da água sem gestão da terra - as florestas são grandes aliadas, com os “rios voadores” da Amazônia irrigando o continente. Quarto: universalizar o saneamento e combater a poluição em todas as suas formas. Quinto: fortalecer a cooperação dentro de bacias hidrográficas e nas bacias transfronteiriças. Sexto: aumentar a resiliência hídrica diante de eventos extremos.

O sucesso destes mutirões, porém, não será medido apenas em rios limpos ou aquíferos recarregados, mas sobretudo no surgimento de uma sociedade que vive em sintonia com a fluidez e a interdependência de todas as coisas, conectadas pelas águas.

O Legado e a Convocação

Os Mutirões das Águas transcendem a noção de eventos ou iniciativas pontuais para se tornar um processo contínuo de cuidado, impregnado na cultura e nos valores. São a materialização do entendimento de que cada ação local - em um córrego urbano, em uma nascente rural, em um grupo digital, em uma escola, em um desastre natural - contribui para um grande movimento de regeneração hidroplanetária.



Projeto “Esse rio é meu”, no rio Carioca, Rio de Janeiro, 2014.

Trata-se de uma jornada de reintegração e de superação do saber fragmentado, da gestão compartimentalizada, da percepção dissociada que temos da água. Envolve técnica, mas sobretudo ética e imaginação.

Não estamos apenas limpando um rio ou protegendo uma nascente; estamos, gota a gota, consertando nossa relação com a própria trama da existência.

Os Mutirões das Águas representam o processo histórico em que deixamos de ser meros gestores de recursos para nos tornarmos guardiões do ciclo. Cuidar da água em todas as suas formas - da nuvem à célula, do glaciário ao aquífero, do oceano à lágrima - é cuidar de nós mesmos e do pulsar contínuo da vida no planeta.

Quando nos unimos em torno de um propósito comum - a água como bem público, direito de todos e elemento sagrado da vida - criamos algo maior: um todo mais potente do que a soma de todas as partes.

Diante da imensidão do desafio, nossa força reside na união. Juntos, podemos criar uma corrente de cuidado capaz de garantir que as águas do planeta continuem a fluir, limpas e abundantes, para as gerações que estão por vir.



Um fórum das águas. Ilustração de Maria Helena Andrés para o livro A Água Fala.

Este não é um sonho distante. É o próximo e necessário capítulo da nossa história comum, já sendo escrito nas nascentes que renascem, nas políticas que se conectam, nas mentes que despertam para a unidade sagrada do ciclo, nos milhares de microações locais que já se realizam. É a materialização da hidrosófia, a construção de uma civilização hidrocêntrica e a evolução para uma nova era na história natural do planeta, a era hidrosófica.

000

A presente série de artigos sobre Hidrosófia continuará. A primeira parte foi publicada na edição de maio de 2026 de “[O Teosofista](#)”. A segunda parte está na edição de [junho](#). A terceira parte está na edição de [julho](#). Clique para ver outros textos de [Maurício Andrés Ribeiro](#).

000

[A Teosofia Direta no WhatsApp](#)

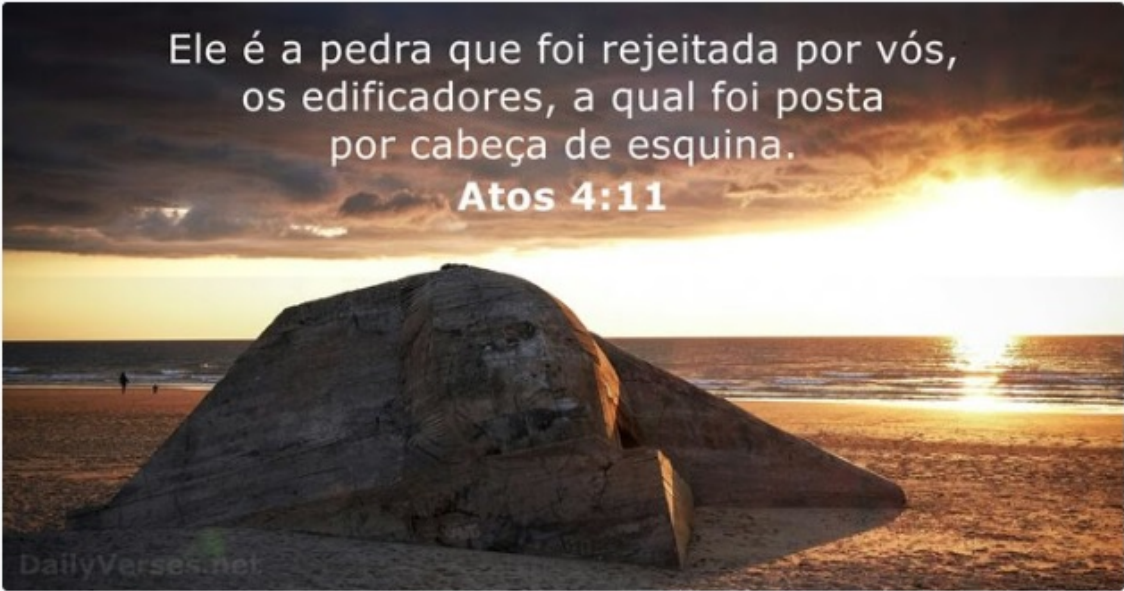
Participe de um dos grupos da Loja Independente de Teosofistas no WhatsApp: <https://chat.whatsapp.com/6MB7dWbqNmx68hEzVshbHk>

000



Loja Independente de Teosofistas

Ele é a pedra que foi rejeitada por vós,
os edificadores, a qual foi posta
por cabeça de esquina.
Atos 4:11



DailyVerses.net

**Aquele que é longamente desprezado
acaba por ser a pedra angular da construção**

000

Ingresse você também no grupo
DESPERTANDO BRASIL e convide seus amigos:

<https://www.facebook.com/groups/despertandobrasil>

O renascimento do bom senso provoca uma implosão pacífica dos sistemas hipnóticos de rancor coletivo.

000

Leia o artigo

O Brasil Universalista:

<https://www.carloscardosoaveline.com/o-brasil-universalista/>

000

Ideias ao Longo do Caminho

Cinco Vídeos Sobre a Experiência Direta da Teosofia Clássica



1. A Sociologia dos Grandes Sábios Imortais: O Grau de Ética Define o Rumo do Carma, e da Vida

* Talvez você tenha a curiosidade de saber alguma coisa sobre um sábio imortal, equivalente aos Imortais do taoísmo, um ser cuja inteligência está fora e acima do reino humano, e que habita natural e espontaneamente o mundo divino. O que é que um tal ser pensa, quando olha para as questões políticas e sociais dos nossos países, e observa a vida das pessoas humanas na média?

* Nós temos esse privilégio nas Cartas dos Mahatmas.

* Há inúmeras cartas e trechos em que podemos saber o que um Imortal pensa dos assuntos humanos. Um exemplo é a carta 29, que está no primeiro volume das **Cartas dos Mahatmas**, mais precisamente na página 158. Ali um mestre diz o seguinte:

* “... Para nós um lustrador de botas honesto é tão bom quanto um rei honesto, e (...) um varredor de ruas imoral é muito melhor e mais desculpável do que um imperador *imoral*.”

* Várias conclusões podem ser tiradas desse trecho fundamental. Uma delas é que a questão da moralidade é central e decisiva no destino de cada um, porque a intenção pura ou impura determina o rumo e o carma da pessoa.

* O segundo ponto é que a ideia de rei ou imperador significa qualquer pessoa que esteja numa posição de destaque. Se a pessoa ocupar uma posição de poder, socialmente, vai ser um exemplo a ser seguido. Então, sendo imoral, vai corromper a sociedade toda. Esse é o problema mais grave de haver um presidente ou primeiro-ministro desonesto ou imoral. O líder da oposição, o líder de cada grupo social, também deve ser examinado pelas suas intenções, e pela sua ética, segundo as Cartas dos Mahatmas.

* Gravemos bem estas palavras:

* “... Para nós um lustrador de botas honesto é tão bom quanto um rei honesto, e (...) um varredor de ruas imoral é muito melhor e mais desculpável do que um imperador *imoral*.”

* Esta não é uma opinião pessoal do Mestre. Ele está apontando para a consequência cármica objetiva da ética ou da não-ética das lideranças de uma sociedade.

* E como melhorar isso? A culpa é de todos nós.

* A responsabilidade cabe a cada cidadão. Todo ser humano deve saber que é responsável como se fosse um rei, porque tem em si a energia do rei, isto é, a energia de Atma, do eu superior.

* Cada um de nós é o imperador da sua própria vida. Nossa existência é um reino, e somos chamados a ser o chefe de estado: um chefe de estado responsável, ético, correto, e tão sábio quanto possível. Neste caso seremos um centro de purificação do país e da comunidade em que vivemos.

(CCA)

Veja o vídeo de 4m “A Sociologia dos Grandes Sábios Imortais”: [*Loja Independente de Teosofistas](#) * [Filosofia Esotérica](#) .

2. Bons Pensamentos: Estou Mandando Minhas Bênçãos Para Você Agora Mesmo

* Os seres humanos fariam uma coisa correta e inteligente se comesçassem a abençoar uns aos outros, e a mandar bons pensamentos para todos os seres, especialmente para aqueles mais próximos deles. Sim, mandar bons pensamentos, porque cada ser humano é um espelho de todos os outros seres humanos. Isso tanto Freud como Cristo explicam e trocam em miúdos.

* Algo extremamente adequado é pensar o bem dos outros, sem exceções; sabendo que o bem implica obedecer à lei da ética e “carregar a sua cruz”, ou seja, assumir a responsabilidade pelas causas do seu próprio sofrimento e eliminar as causas da dor, mais do que combater os efeitos da dor.

* Abençoar alguém significa desejar que a pessoa encontre uma paz que decorre do cumprimento da lei. Não é a paz da anestesia. E quero praticar isso agora.

* Quero abençoar você. E abençoar cada uma das pessoas que assistem aos meus vídeos e cada leitor dos websites da Loja Independente de Teosofistas. Desejo que você elimine as causas da sua dor. Que você coloque em movimento as *causas* do seu contentamento. Que você seja abençoado. Que a bem-aventurança pura e simples venha até você merecidamente. Que você faça por merecer a bem-aventurança eterna. Que você encontre a paz no seu interior. E que a irradie naturalmente para os outros, não sem os desafios necessários para o encontro da paz no nosso interior.

(CCA)

Veja o vídeo de 2m “Bons Pensamentos”: * [Loja Independente de Teosofistas](#) * [Filosofia Esotérica](#).

3. Um Círculo Magnético de Sentimentos Positivos: O Mundo Como um Espelho

* A melhor defesa está em ficar de fora da ignorância e desenvolver a boa vontade. A boa vontade é um escudo invencível.

* A amizade por todos os seres é uma grande bênção, assim como a boa vontade em relação a todos os corpos celestes e a tudo que há na natureza. Essa amizade resulta da nossa amizade com nossa alma imortal. A alma imortal está unida a tudo. Portanto, a alma imortal é amiga de tudo. E se nós formos amigos da nossa alma imortal - de maneira direta e imediata - seremos amigos de todos os seres.

* Amizade não acontece só em situações agradáveis, é claro. Amizade inclui desafios, dificuldades, sofrimento. Obstáculos e sofrimento ocorrem dentro do espaço maior da amizade, da unidade, da fraternidade, da ajuda mútua, inclusive através da discordância. A discordância honesta é uma forma de ajuda mútua, porque todos aprendem com a interação, uma vez que haja a honestidade.

* E a *desonestidade* de hoje é a noite fria da qual surgirá a madrugada, e da qual nascerá também o novo dia. Ou seja, aquele que é hipócrita hoje é o sincero de amanhã. Ele precisa dar algumas cabeçadas contra a parede dura da verdade, que ele ainda não vê, e com isso descobrirá a lei da sinceridade. Ou seja, aquele que hoje vive em mentira é o sincero de amanhã. Não temos nenhum problema com isso. Podemos estar em consonância com a alma de todos, os que sabem mais e os que sabem menos, os que já são plenamente honestos consigo próprios e os que ainda não chegaram nesse ponto, mas estão num estágio mais infantil e ilusório.

* Podemos formar um círculo cada vez mais forte de pessoas que pensam o bem de si próprias e como decorrência disso pensam o bem de todos os outros.

* Isso nós estamos formando, por exemplo, no círculo de pessoas que leem os materiais da Loja Independente de Teosofistas, que assistem os meus vídeos, leem meus textos, textos de Helena Blavatsky e outros. Estamos formando um círculo de pensamento correto, de pensamento sincero, construtivo, verdadeiro, mas protegido pela necessária humildade, que acolhe a insignificância pessoal como uma característica nossa.

* Qual vai ser a nossa importância daqui 200 anos? Do ponto de vista espiritual, vai ser tão grande como é hoje. Já do ponto de vista pessoal, daqui 200 anos, talvez tenhamos a mesma importância pessoal que hoje, ou seja, nenhuma, porque as pessoas passam, as personalidades externas deixam de existir, e a alma fica.

* Se temos consciência total da nossa desimportância externa como pessoas, podemos reconhecer a nossa verdadeira importância espiritual.

* Deste modo vamos formando um círculo de pensamentos e sentimentos positivos em relação à vida toda, sabendo que a vida toda ela é um espelho. O que mandamos para a vida volta para nós.

* Eu desejo o melhor a você. Desejo a mais elevada bênção para você.

* Desejo que você cresça diante das circunstâncias na direção da vida eterna e da verdade duradoura. Namastê.

(CCA)

Veja o vídeo de 5m “Um Círculo Magnético de Sentimentos Positivos”: * [Loja Independente de Teosofistas](#) * [Filosofia Esotérica](#).

4. Autoestima, Humildade e Autodisciplina: Três Aspectos do Caminho Espiritual

* Uma das principais causas da derrota no caminho espiritual está na falta de autodisciplina. E na ausência, é claro, da vontade espiritual eficiente, capaz de fazer com que o peregrino siga de fato uma disciplina.

* Formar uma disciplina diária não é fácil. Precisa ser um processo dinâmico, onde vamos corrigindo os erros da nossa ação diária. Mas esse não é o tema agora. A questão básica é que, se tivéssemos uma força de vontade suficiente e uma autodisciplina eficaz, teríamos mais êxito em geral. E quais são as causas da falta de disciplina?

* Existem dois fatores centrais para o êxito, em relação aos quais a maior parte das pessoas se engana, porque eles parecem ser opostos. Um deles é a autoestima, ou autorrespeito. O outro é a humildade.

* Muita gente pensa que é preciso ser humilde para ter disciplina. Para outros, é necessário ter autoestima e autorrespeito, para ter disciplina. Então surge uma autodisciplina baseada no orgulho, ou uma disciplina baseada numa humildade unilateral e cega, que leva a um massacre de si mesmo, e por isso não é sustentável.

* Para que haja uma disciplina eficaz, de fato, a humildade é tão necessária quanto o autorrespeito.

* A humildade nos traz realismo. Nós somos, pó, viemos do pó e vamos voltar ao pó mais cedo ou mais tarde, enquanto eus inferiores. Mas ao mesmo tempo somos Luz Espiritual, e

viemos da Luz. Voltaremos à Luz mais cedo ou mais tarde desde o ponto de vista da alma. Assim, nós somos pó e luz: esse é o paradoxo da vida.

* Precisamos reduzir a quantidade de pó, e aumentar a quantidade de Luz. Para isso, é necessário autodisciplina: *ordem e progresso andam juntos*.

* Se quisermos ter disciplina, precisamos viver simultaneamente a humildade de quem sabe que é pó, e a confiança de quem sabe que é luz.

* E claro, cabe ter o discernimento de quem sabe identificar na vida diária o que é pó e o que é luz, o que leva ao pó e o que leva à luz.

* Precisamos ter o máximo de audácia, o máximo de confiança, sem vaidade, e o máximo de humildade. Nada somos e nada sabemos, mas podemos aprender alguma coisa. A boa humildade não nega a autoestima nem o autorrespeito, mas ao contrário, anda junto com eles. O autorrespeito é a base para a estima dos outros. Constitui a fonte da minha capacidade de amar a minha mulher. É condição essencial para ser amigo sincero de alguém, querer o bem da humanidade e ser grato às fontes de informação sobre o caminho espiritual.

* Devo ser grato, não da boca para fora, mas agradecer no meu coração às fontes de orientação e de despertar espiritual que me guiam.

* Preciso de humildade, e preciso, não de orgulho, mas sim de *autoconfiança*, para ter confiança na vida e confiança nos outros, assim como confiança na própria sabedoria divina que eu estudo.

* A humildade permite e alimenta o autorrespeito profundo, a autoestima interna. E isso permite que eu tenha autodisciplina. Disciplina é aquela capacidade de sacrificar no dia-a-dia a minha própria ignorância, o meu apego ao conforto físico e emocional, e até certo ponto o conforto intelectual de ter as minhas opiniões aceitas pelos outros.

* A autoestima não implica a busca do aplauso. Ao contrário, a busca do aplauso é uma forma de tentar substituir a autoestima pela estima dos outros. Assim a pessoa adota um comportamento artificial para conseguir o aplauso dos outros. O aplauso alheio passa a ser um substituto, uma flor de plástico, artificial, usada para ilustrar o pobre “eu” que não gosta de si mesmo.

* O vaidoso pensa, subconscientemente:

* “Eu não vejo o meu valor, mas vou ver se consigo o aplauso alheio para fugir da dolorosa compreensão de que estou desligado, em parte, da minha própria alma espiritual.”

* Não é através do orgulho, é através da humildade que eu entro em contato com o meu eu superior, o meu eu essencial e interno, verdadeiro, duradouro. E assim obtenho a verdadeira autoestima e o autorrespeito real, graças aos quais eu deixarei de lado a minha ignorância, pouco a pouco, e alcançarei alguma coisa de sabedoria, e uma paz interior.

(CCA)

Veja o vídeo de 7m “Autoestima, Humildade e Autodisciplina”: * [Loja Independente de Teosofistas](#) * [Filosofia Esotérica](#).

000

<https://www.carloscardosoaveline.com/category/ideias-ao-longo-do-caminho/>

Os Livros em Nossos Websites

Para Estudar a Sabedoria Eterna

000

[illegible]

Ano XX, Número 231, Agosto de 2026. O Teosofista é uma publicação mensal eletrônica da Loja Independente de Teosofistas e seus Websites Associados, entre os quais estão www.FilosofiaEsoterica.com, www.HelenaBlavatsky.net, www.CarlosCardosoAveline.com e www.TheosophyOnline.com. Editor geral: Carlos Cardoso Aveline. Editora assistente: Joana Maria Ferreira de Pinho. Contato: indelodge@gmail.com. Facebook: [SerAtento](https://www.facebook.com/SerAtento), FilosofiaEsoterica.com, e [Brasil Atento](https://www.facebook.com/BrasilAtento), entre outras páginas e grupos.

[illegible]